

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**SÂMARA MARIA PINHEIRO VAINAUSKAS BARCELOS**

**O PERFIL DE VÍTIMAS-AGRESSORAS NAS REGIÕES DE ENSINO  
DO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de artigo como requisito à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, sob orientação da Professora Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

## Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus avôs Jackson e Maria José (in memoriam) que sempre estiveram ao meu lado, minha mãe Maria de Lourdes, meu esposo Rafael e minhas filhas Aurora e Alice por toda paciência, carinho e amor. Vocês sempre serão minha inspiração!

# O perfil de vítimas-agressoras nas regiões de ensino do Distrito Federal

Sâmara Maria Pinheiro Vainauskas Barcelos<sup>1</sup>  
Julliane Messias Cordeiro Sampaio<sup>2</sup>

## Resumo

O grupo de vítimas-agressoras emerge com uma peculiaridade de perpetuar o *bullying* pela resposta agressiva de vítimas, frente a agressão sofrida. Mantendo, dessa maneira, esse ciclo de violência. A pesquisa se caracteriza enquanto um estudo descritivo e transversal de abordagem quantitativa. Neste estudo, os dados foram provenientes de um banco de dados secundário. O objetivo foi identificar o perfil e dinâmica do *bullying* na perspectiva de vítimas-agressoras nas regiões de ensino do Distrito Federal. Dos 89 estudantes, 52,80% (47) são do sexo feminino, 70,77% (63) são da cor/raça parda ou branca e 66,29% (59) relataram nunca ter reprovado. O presente estudo demonstrou que nesse ciclo de produção e reprodução da violência, estão envolvidas, em sua maioria, meninas, do sexto ao nono ano, têm de 12 a 14 anos de idade e referiram sentir raiva ou pena do agressor. As manifestações mais relatadas foram as agressões verbais (apelidar, zoar e fazer fofoca).

**Palavras-chave:** *Bullying*. Agressores. Vítimas. Violência. Saúde escolar.

## The profile of victim-aggressors in the teaching regions of the Federal District

### Abstract

The group of victims-aggressors emerges with a peculiarity of perpetuating the bullying by the aggressive response of victims, against the aggression suffered. Maintaining, in this way, this cycle of violence. The research is characterized as a descriptive and transversal study of quantitative approach. In this study, the data came from a secondary database. The objective was to identify the profile and dynamics of bullying from the perspective of victim-aggressors in the teaching regions of the Federal District. Of the 89 students, 52.80% (47) are female, 70.77% (63) are brown / white or 66.29% (59) reported never having failed. The present study demonstrated that in this cycle of production and reproduction of violence, most of the girls are involved, from the sixth to the ninth year, they are 12 to 14 years of age and reported feeling anger or pity of the aggressor. The most reported manifestations were verbal aggression (nickname, joke and gossip).

**Keywords:** Bullying. Aggressors. Victims. Violence. School health.

---

<sup>1</sup>Graduanda do 9º semestre de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB). Brasília-DF.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Enfermagem do UnICEUB

# 1 INTRODUÇÃO

Entende-se que a escola é um espaço onde são constituídas as primeiras relações do indivíduo no ambiente extrafamiliar, tornando-se referência de construção de conhecimento e de autonomia, tendo poder tanto para reproduzir e perpetuar a violência, como para construir ações em rede que promovam sua identificação, seu enfrentamento e sua redução (KAEFER; LEAL, 2012).

Porém, esse espaço onde deveriam ser instituídas relações saudáveis e valores sociais, tem se mostrado um ambiente desmotivador, desinteressante, hostil e potencializador das violências e da instabilidade nas relações entre pares (FERRAZ; PEREIRA, 2012; GONÇALVES; BENTO; RIBEIRO, 2013).

Por isso, o *bullying* passou a ser visto como um problema de saúde pública, devido à sua alta magnitude e prevalência, estimada em aproximadamente 30% dos estudantes envolvidos no Brasil e em outros países, bem como em função das consequências nocivas que acarreta aos sujeitos implicados na sua prática. Na atualidade, a importância do tema se revela na concepção de que se trata de práticas repetitivas de violência entre pares, cuja expressão é considerada mundial e que causa danos físicos e psicológicos em todos os envolvidos nessas situações (SILVA, 2013).

Nesse sentido, emergem novos conceitos para descrever os envolvidos com o *bullying*, quer sejam vítimas, que são aqueles estudantes que sofrem a violência de maneira repetitiva, intencional e que lhes causa dor, medo, angústia e sofrimento, quer sejam agressores, que são os perpetradores desse tipo de violência, que encontram na vítima alguma característica para exercerem poder sobre elas. As testemunhas ou espectadores, grupo onde estão os demais estudantes que não são nem vítimas e nem agressores (GOUVEIA; LEAL; CARDOSO, 2017). A estes estudantes lhes é atribuído o envolvimento direto (vítimas e agressores) e indireto (testemunhas).

Observa-se, dessa maneira que se trata de um fenômeno díspar, intencional e repetitivo, podendo se prolongar por muito tempo. Estudos apontam que, nos anos iniciais do ensino fundamental os estudantes tendem a ser mais vítimas e, nos finais, há maior incidência de agressores. Desse modo, pode-se afirmar que, o envolvimento com o *bullying*, está também associado, geralmente, a características individuais como idade, tamanho, porte físico, traços de personalidade, desenvolvimento emocional e formação de grupos de estudantes (CAMPOS et al., 2010; COSTA et al., 2015; LIMBER; OLWEUS; LUXEMBERG, 2015).

Compreendendo os tipos de envolvimento com o bullying, emerge o grupo de vítimas-agressoras, que apresentam em suas ações a manutenção da agressividade nas relações entre pares, devido a resposta agressiva de vítimas, frente a violência sofrida. Tornando difícil e árdua o enfrentamento e a redução do *bullying* (MARCOLINO, 2018; CARLOS, 2015).

De acordo com a literatura, a vítima-agressora é aquela que responde as vitimizações com violência e, acaba por provocar e agredir os outros, humilhando-os com o intuito de camuflar suas próprias limitações. Possui caráter explosivo, não fica passiva perante a agressão, reagindo de modo violento por não controlar seus impulsos. Apresenta problemas para conviver com o grupo de pares na escola, detém sintomas psicológicos e psicossomáticos e pensamentos suicidas. Possui também déficit de se relacionar e com isso, se dá origem a sentimentos de solidão. E por apresentar características de vítima como de agressor simultaneamente, está em uma posição de risco psicossocial (MARTINS, 2013).

Nesse sentido, essa pesquisa se justifica pela necessidade de compreender a dinâmica desse fenômeno, na perspectiva das vítimas-agressoras, para que ciclo de produção e reprodução do *bullying* seja interrompido, por meio da mediação de conflitos oriundos das relações de agressividade entre pares e, dessa maneira seja possível, promover a cultura de paz e empoderamento do indivíduo, a partir de respostas positivas frente situações de *bullying*.

Considerando a importância do tema, objetivou-se identificar a dinâmica do *bullying* e o perfil das vítimas-agressoras nas regiões de ensino do Distrito Federal.

## **2. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo e transversal de abordagem quantitativa. Neste estudo, os dados foram provenientes de um banco de dados da orientadora professora Julliane Messias Cordeiro Sampaio “A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do *bullying* escolar na Capital Federal”, que avaliou a dinâmica do fenômeno nas regiões de ensino do Distrito Federal, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB sob CAAE de nº 80199617.6.0000.0023 e aprovado sob parecer de nº 2.542.317, de 13/03/2018, respeitando-se as prerrogativas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), então vigente na ocasião da análise junto ao CEP. Aos alunos menores de 18 anos, solicitou-se consentimento dos seus pais ou responsáveis legais, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e seu assentimento mediante assinatura do Termo de Assentimento (TA).

O critério para seleção dos usuários no banco de dados do estudo mencionado foi: alunos do 6º ao 9º ano de escolas públicas que haviam respondido “sim” para as perguntas: “Você já foi ameaçado, humilhado ou agredido na escola?” e “Você já ameaçou, humilhou ou agrediu na escola?” e, as respostas subsequentes para vítimas e agressores que descrevem de maneira sequencial o perfil desse grupo específico.

Dos 512 alunos selecionados, em estudo anterior, foram excluídos 423 por relatarem nunca terem sofrido ou perpetrado *bullying* ou por serem apenas vítimas ou por serem apenas agressores. Dessa maneira, a amostra do presente estudo foi construída por 89 estudantes que relataram ser vítimas-agressores.

No estudo as variáveis sociodemográficas foram descritas na Parte I (P1) do questionário, sendo contemplada com: Ano escolar matriculado, sexo, idade, se o aluno já havia repetido alguma série/ano e raça.

Foram descritas como variáveis específicas deste estudo 4 questões da parte II do questionário já avaliado e aprovado por Sampaio (2015). As questões são sobre a vitimização, o tipo de violência sofrida e o sentimento da vítima quando ameaçado, humilhado ou agredido na escola e, por fim, sobre o que ele acha de estudantes agressores.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Dados sociodemográficos**

Um total de 89 alunos responderam ao questionário serem vítimas e também agressores. A parte sociodemográfica, parte I, descreve o perfil dos participantes. Na Tabela 1 foi demonstrado o quantitativo de alunos entrevistados (N=89), nas 11 Regionais de Ensino do Distrito Federal, bem como o ano de matrícula do aluno, sexo, reprovação, faixa etária dos entrevistados e cor/raça.

Dos alunos entrevistados quanto ao ano escolar, evidenciou-se uma distribuição com valores próximos do sexto ao nono ano (média de 22 alunos/ano escolar). Destes, observou-se maior participação de estudantes do sexo feminino 52,80% (47), quanto à idade, evidenciou-se a predominância de estudantes de doze a quatorze anos de idade 65,02% (65).

**Tabela 1:** Caracterização dos estudantes, segundo ano escolar, sexo, idade, reprovação e cor/raça. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Ano Escolar</b>		
6°	22	24,72
7°	22	24,72
8°	20	22,47
9°	25	28,09
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100%</b>
<b>Sexo</b>		
Feminino	47	52,80
Masculino	42	47,19
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100%</b>
<b>Idade</b>		
10	1	1,12
11	15	16,85
12	20	22,48
13	20	22,48
14	25	28,09
15	7	7,86
16	1	1,12
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100%</b>
<b>Reprovação</b>		
Nunca reprovei	59	66,29
Reprovei	30	33,70
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100%</b>
<b>Cor</b>		
Branca	19	21,34
Preta	16	17,97
Parda	44	49,43
Amarela	2	2,24
Indígena	8	8,98
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100%</b>

Entre os participantes foi observado que 66,29% (59) relataram nunca ter reprovado. Por fim, quanto à cor, 70,77% (63) dos estudantes afirmaram ser de cor/raça parda ou branca e 17,97% (16) ser de cor preta.

Quanto ao ano escolar, estudos apontam que, nos anos iniciais do ensino fundamental os estudantes tendem a ser mais vítimas e, nos finais, há maior incidência de agressores (CAMPOS et al., 2010; COSTA et al., 2015; LIMBER; OLWEUS; LUXEMBERG, 2015). No presente estudo não houve diferença significativa em relação ao ano escolar.

No que tange ao sexo, segundo o estudo de Almeida (2009), foram o sexo masculino a apresentar maior porcentagem (8%) comparativamente ao sexo feminino (4,2%). De modo igual, o estudo de Pinheiro e Williams (2009) refere que foram vítimas-agressor 28,9% do sexo masculino em comparação a 16% do sexo feminino. O estudo de Bandeira e Hutz (2012) revela que 42,2% dos meninos foram vítimas-agressor, contrastando com 36,4% das meninas. Diferente desse estudo, que evidenciou maior porcentagem do sexo feminino 52,8% (47).

Em relação a cor/raça e reprovação na pesquisa corrobora com resultados encontrados por Carlos (2015) descrito como sendo de jovens com maioria de cor/raça branca e parda, e com maior prevalência de alunos que relataram nunca terem reprovado.

### **3.2 Dados específicos**

Para a avaliação da Parte II, optou-se por apresentar os resultados das perguntas e respostas obtidas, que dispusessem dos aspectos mais relevantes, para que fossem atingidos os objetivos da pesquisa.

Na Tabela 2, os dados demonstraram que os tipos de ameaça, agressão ou humilhação sofrida houve maior frequência entre as vítimas-agressoras em pôr apelidos, correspondeu a 59,55% (53) das agressões, seguidas das ‘zoadões’ 48,31% (43) e fofocas 43,82% (39). As agressões verbais

A propósito, quanto as formas de perpetração entre vítimas-agressoras existentes no contexto escolar, as manifestações verbais “receber apelido” e “serem zoadas” foram as de maior prevalência entre esse grupo.

Diante desses achados, os resultados corroboram com os estudos que evidenciaram a agressão verbal como a forma de *bullying* com maior prevalência entre as vítimas (BANDEIRA; HUTZ, 2012; OLIVEIRA, 2012; SILVA et al., 2011; SCHULTZ et al., 2012;

MARCOLINO et al., 2018).

**Tabela 2:** Distribuição dos estudantes, segundo os tipos de ameaça, agressão ou humilhação sofrida. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

<b>Manifestação do <i>bullying</i> sofrido</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Agressão Física</b>	11	12,35
<b>Apelidar</b>	53	59,55
<b>Zoar<sup>3</sup></b>	43	48,31
<b>Fizeram fofoca</b>	39	43,82
<b>Pegaram algo sem permissão</b>	25	28,08
<b>Cyberbullying</b>	9	10,11
<b>Amedrontar</b>	9	10,11
<b>Isolar/excluir</b>	13	14,60
<b>Humilhar/xingar por causa da cor da pele</b>	4	4,49
<b>Humilhar/xingar por outro problema</b>	9	10,11

Autores como Moura, Cruz e Quevedo (2011) salientam que utilização de apelidos, muitas vezes pejorativos ou que se refiram a determinada característica física das vítimas é uma das maneiras de agressão utilizada por estudantes para perpetrarem ações violentas contra a vítima. Tal afirmação se torna consonante às constatações de autores que referem em seus estudos a prevalência de agressão verbal superior a agressão física (WANG, IANNOTTI, NANSEL, 2009; SAMPAIO et al., 2015).

Porém, divergem de uma pesquisa internacional conduzida por Minghelli, Nunes e Abílio (2014) que apontou um número maior de vítimas de *bullying* por agressão física. Despontando, dessa maneira, a necessidade da realização de diagnóstico situacional local do *bullying* nas escolas a fim de proporcionar a elaboração de medidas de intervenção de acordo com as características de cada comunidade escolar.

Quanto ao sexo dos envolvidos, essa pesquisa apontou o sexo feminino com maior prevalência das agressões verbais, resultado semelhante aos encontrados por Sampaio (2015) que, em sua investigação referiu o sexo feminino como o que mais agride verbalmente.

Quanto ao local onde foi vitimizada, os dados apontaram a sala de aula como lugar de

<sup>3</sup> Fazer gozação, mangação, motejar, zombar; escarnecer. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <[www.uol.com.br/michaelis](http://www.uol.com.br/michaelis)>. Acesso em: 10 out. 2018.

maior ocorrência de *bullying* 61,79% (55), seguido do recreio 35,95% (32) (Tabela 3).

Nesse sentido, observa-se esse fenômeno acontecendo dentro do espaço escolar, fato que demonstra a vulnerabilidade que existe dentro da escola. Esses resultados estão de acordo com estudos nacionais que indicaram a sala de aula o local onde mais praticam o *bullying* na escola (LAMAS; FREITAS; BARBOSA, 2013; RECH et al., 2013), apontando a necessidade de se prestar maior atenção nesse espaço por meio de atividades que transforme a escola em um local de se promover a socialização e prevenção da violência

**Tabela 3:** Distribuição de vítimas segundo os locais de ocorrência *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

<b>Local onde as agressões ocorreram</b>	<b>n</b>	<b>(%)</b>
<b>Sala de aula</b>	55	61,79
<b>Recreio</b>	32	35,95
<b>Banheiro</b>	3	3,37
<b>Porta da escola</b>	17	19,10
<b>Corredores da escola</b>	15	16,85
<b>Refeitório</b>	4	4,49
<b>Caminho de Casa</b>	9	10,11
<b>Outro lugar</b>	24	26,96

Ao contrário do esperado, foi notável o baixo percentual de vítimas que buscou relatar o *bullying* sofrido aos professores, coordenadores ou outro funcionário da escola ou aos pais, buscando auxílio em estudantes (39,32%), seus pares, que tendem a não possuírem atributos para auxiliar esses estudantes. Chama a atenção ainda o que de fato de 25,84% de vítimas que optaram pelo silêncio e não contarem as agressões sofridas a ninguém (Tabela 4).

Nesse sentido, Sampaio (2015b), refere que é imprescindível a participação de um adulto na mediação de conflitos, estimulando a instituição de vínculo de confiança e permita a esse estudante se sentir seguro para pedir auxílio e verbalizar a violência na qual esteja sendo submetido. Segundo a autora, em congruência com estudos nacionais, o apoio recebido dos adultos poderá potencializar repostas positivas frente a ocorrência de vitimização e as alternativas não-violentas auxiliará aos estudantes no enfrentamento e na superação do *bullying*, auxiliando na formação da personalidade dessas vítimas-agressores quando direcionada para a

aquisição de competências graduais voltadas à cooperação e a solidariedade (CARVALHO, 2012; OLIVEIRA et al., 2012; SAMPAIO, 2015).

**Tabela 4:** Distribuição das vítimas-agressoras quanto a ter relatado o *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2018.

<b>Reação da vítima-agressora</b>	<b>n</b>	<b>(%)</b>
Não contou nada	23	25,84
Disse aos amigos	35	39,32
Disse ao professor, coordenador ou outro funcionário da escola	15	16,85
Disse ao pai e/ou mãe	17	19,10
Disse a outra pessoa da família	7	7,86

12

Um outro ponto interessante a ressaltar, foi a conduta da pessoa para quem a vítima verbalizou a agressão sofrida, o que chama atenção é que 20,22% dos estudantes referiu que a pessoa para quem ela relatou a vitimização não acreditou nela ou não fez nada (Tabela 5). Segundo Hymel & Swearer (2015), essa situação poderá ter subsidiado respostas violentas das vítimas devido à falsa sensação de impunidade no agressor que, continua intimidando e agredindo, estimulando emoções nas vítimas, como por exemplo, a raiva e, esse fator poderá fazê-la reproduzir o *bullying*.

**Tabela 5:** Conduta da pessoa para a qual a vítima-agressora contou ter sofrido *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

<b>Reação da pessoa para quem a vítima-agressora relatou o ocorrido</b>	<b>n</b>	<b>(%)</b>
Não contou nada	20	22,47
Não acreditou	4	4,49
Não fez nada	14	15,73
Conversou comigo	26	29,21
Chamou a atenção do agressor	12	13,48
Ajudou de outra forma	16	17,97

Os dados demonstraram também que 17,97% das vítimas conseguiram identificar que,

ao verbalizar o *bullying* sofrido, a pessoa para quem foi informado o ocorrido, ofertou auxílio para ajudá-la no enfrentamento da violência vivenciada. Devido à baixa procura de auxílio dos professores, profissional que passa maior tempo com esses estudantes durante o horário letivo, Zanden et al. (2015), pontam que é comum a ideia entre os professores que, ao presenciar situações de *bullying*, acreditem que se trata de brincadeiras características da idade, corroborando com os achados de Silva et al. (2016), que, ao serem entrevistados, os professores não se sentem preparados para identificarem e para lidarem com as práticas de *bullying* na sala de aula e, em decorrência das inúmeras interfaces do *bullying*. Dificultando, dessa maneira, a mediação de conflito.

**Tabela 6:** Distribuição dos estudantes, segundo seus sentimentos diante do *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

<b>Emoções das vítimas-agressoras</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não sentiu nada</b>	24	26,96
<b>Medo</b>	10	11,23
<b>Tristeza</b>	30	33,70
<b>Vergonha</b>	21	23,59
<b>Raiva</b>	39	43,82
<b>Vontade de não frequentar mais a escola</b>	22	24,71

13

No que diz respeito a emoção da vítima-agressora, a Tabela 6 representa a distribuição dos estudantes. Destes, 43,82% relatou sentir raiva, 33,70% alegou sentir tristeza e 26,96% informou não ter nenhum sentimento em relação a suas atitudes. Para Bouth e Sousa (2010) a vítima-agressora é depressiva, tem baixa autoestima e uma maior tendência a ter problemas psicológicos e até suicídio.

Sampaio (2015) evidencia que não sentir nenhuma emoção indica uma ausência de identificação com a vítima, talvez por não reconhecerem a extensão e gravidade da violência ao bem-estar físico, emocional ou social dos alunos vitimizados. Essa ausência de empatia pode colaborar para que as agressões se intensifiquem se nenhuma intervenção for realizada com vistas a evitar a sua continuidade. A autora ratifica que o *bullying* pode ser desencadeador de alguns transtornos mentais e potencializador de outros comportamentos violentos na adolescência e na idade adulta, assim como um problema que envolve os aspectos educacionais, visto que pode estar associado ao insucesso e ao abandono escolar.

**Tabela 7:** Distribuição dos estudantes, segundo seus sentimentos diante de quem pratica *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

<b>Sentimento como vítima diante de quem pratica <i>bullying</i></b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não acha nada</b>	13	14,60
<b>Não gosta dele</b>	24	26,96
<b>Tenho pena deles</b>	32	35,95
<b>Quero ser como eles</b>	4	04,49
<b>Tenho raiva deles</b>	30	33,70

Quanto as emoções referidas por essas vítimas-agressoras, em relação ao autor da agressão sofrida, os dados apontaram maior frequência de “sentir raiva” 33,7%, seguido de “ter pena” 35,95% de quem pratica *bullying* (Tabela 7). Para Brino e Lima (2015) uma possibilidade é que a raiva estimule as vítimas a reproduzir as agressões sofridas em outros alunos com menores condições de autodefesa, do ponto de vista físico, psicológico ou social. Ter pena pode ser, também, uma das atitudes mais favoráveis à violência, pelo fato da vítima não perceber no agressor uma ameaça e reproduzir o ciclo do *bullying*.

Assim, a violência se apresenta multifacetada, de difícil diagnóstico e gera um ciclo de consequências negativas para toda a comunidade escolar, tendo em vista, ainda, que o estímulo da agressão sofrida gere a reprodução da mesma contra seu agressor.

Para Bandeira e Hutz (2012) as vítimas-agressoras humilham os colegas como forma de esconder suas limitações e para isso, possuem atitudes agressivas e provocativas. Acabam também sendo rejeitadas e impopulares. Já para Bouth e Sousa (2011) a vítima-agressora age de forma agressiva com os outros quando agredida, mesmo que de modo inconsciente.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos resultados ora apresentados, fica evidenciado que vítimas-agressoras possuem características peculiares que podem despontar a perpetuação do *bullying* escolar. Devido ao efeito de propagação e multiplicação desse fenômeno, o reconhecimento da dinâmica entre vítimas-agressoras, poderá subsidiar ações que viabilizem a redução do *bullying* no espaço escolar.

No que tange o perfil dessas vítimas-agressoras, o presente estudo demonstrou que nesse ciclo de produção e reprodução da violência, estão envolvidas, em sua maioria, meninas, do sexto ao nono ano que têm de 12 a 14 anos de idade e referiram sentir raiva ou pena do agressor.

As manifestações mais relatadas foram as agressões verbais (apelidar, zoar e fazer fofoca).

O fato das vítimas relatarem que sentiram raiva ou pena dos seus agressores, pode ter sido fator preponderante para o desencadeamento de respostas violentas e, sequente início/manutenção do ciclo de violência. A manifestação da violência verbal por meio de apelidos, zoações por conta desses apelidos e propagação de rumores, também foram associadas ao comportamento das meninas.

Nesse sentido, um programa de intervenção deve ser estimulado, pois, a partir do reconhecimento desses atores, diretamente envolvidos com o fenômeno, pode-se propor e elaborar estratégias que contemplem a emancipação desses estudantes e os auxiliem a obterem respostas positivas, não violentas frente as situações conflituosas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. S. A. **Bullies, vítimas, bullies-vítimas e bystanders: A empatia e a regulação emocional da auto-eficácia.** 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado) em Psicologia Social e das Organizações do Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2009.

BANDEIRA, C.; HUTZ, C. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 35-44, 2012.

BOUTH, R. N.; SOUSA, V. B. Bullying: A intensidade e frequência da prática relacionados com o gênero do autor. **Revista Internacional de Investigacion en Ciencias Sociales**, Assunção, v. 7, n.1, p.29-60, jul. 2011.

BRINO, R. F.; LIMA, M. H.C. G. Compreendendo estudantes vítimas de bullying: para quem eles revelam? **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 40, p. 27-39, jun. 2015.

CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa; **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 107-28, mar. 2010.

CARLOS, J. P. C. S. **Bullying na adolescência: perfil psicológico de agressores, vítimas e observadores.** 2015. 89 f. Dissertação (Mestrado) em Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

CARVALHO, J. E. **Os benefícios das atividades lúdicas para a prevenção do bullying no contexto escolar.** 2012. 275 f. Tese (Doutorado) em Estudos da Criança, especialização em Educação Física, Lazer e Recreação, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal, 2012.

COSTA, M. R. et al. Bullying among adolescents in a Brazilian urban center – “Health in Beagá” Study. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 49, n. 56, p. 1-10, ago. 2015.

FERRAZ, S.; PEREIRA, B. Comportamentos de bullying: Estudo numa escola técnico

profissional. In: I. CONDESSA, B. PEREIRA, & C. CARVALHO (Coord.). **Atividade física, saúde e lazer. Educar e Formar**. Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga. p. 93-99. 2012.

GONÇALVES, M. H.; BENTO, A.V.; RIBEIRO, M. I. Bullying – Violência nas organizações escolares da RAM: quando os professores são as vítimas... In: VENTURA, A.; COSTA, J.; MENDES, A. (Coord.) Escolas, competição e colaboração: que perspectivas? **VII Simpósio de Organização e Gestão Escolar**. Universidade de Aveiro. p. 493-503, 2013.

GOUVEIA, P.; LEAL, I.; CARDOSO, J. Bullying e agressão: Estudo dos preditores no contexto de programa de intervenção da violência escolar. **Psicologia**, Lisboa, v. 31, n. 2, p. 69-87, dez. 2017.

HYMEL, S.; SWEARER, S. M. Four Decades of Research on School Bullying. **American Psychological Association**, v. 70, n. 4, p. 293-299, mai./jun. 2015. 16

KAEFER, C.O.; LEAL, F.Z. Evasão escolar: uma expressão da questão social no contexto da escola. **Anais eletrônicos do Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Santa Maria: UNIFRA, 2012.

LAMAS, K.C.A.; FREITAS, E.R.; BARBOSA, A.J.G. Bullying e Relação Professor-Aluno: Percepções de Estudantes do Ensino Fundamental. **Revista Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 263-272, abr./jun. 2013

LIMBER, S.P.; OLWEUS, D.; LUXENBERG, N. H.; Bullying in U.S. Schools: 2014 Status Report. (EUA): **Hazelden Foundation**; 2015. Disponível em: <[https://www.hazelden.org/.../obppbullyingtrends\\_2014\\_final.pdf](https://www.hazelden.org/.../obppbullyingtrends_2014_final.pdf)>. Acesso em: 02 outubro 2018.

MARCOLINO, E. M. et al. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-10, 2018.

MARTINS, L. L. G. **Bullying a violência entre adolescentes em contexto escolar: uma meta-análise**. 2013. 39 f. Dissertação (Mestrado) em Psicologia da Educação da Universidade da Madeira, Portugal, 2013.

MINGHELLI, B.; NUNES, C.; ABÍLIO, F. Bullying escolar – Intervenientes, ações e sentimentos associados: um estudo com alunos do 2º e 3º ciclos da região do Algarve. **Saúde & Tecnologia: Revista Científica**. Lisboa, v. 12, p. 33-40, nov. 2014.

MOURA, D.R.; CRUZ, A.C.; QUEVEDO, L.A. Prevalence and characteristics of school age bullying victims. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 87, n. 1, p. 19-23, 2011.

OLIVEIRA, A.S.; ANTONIO, P.S. Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. Goiânia, v. 8, n. 1, p. 30-41, dez. 2006.

OLIVEIRA, H. A. C. **Violência entre colegas (bullying) em contexto escolar**. 2012. 88 f.

Dissertação (Mestrado) em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, apresentando à Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012.

PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 1-14, 2009.

RECH, R.R. et al. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 89, n. 2, p. 164-170, 2013.

SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 344-352, jun. 2015.

SAMPAIO, J. M. C. **Bullying no contexto escolar: avaliação de um programa de intervenção**. 2015. 175 f. Tese (Doutorado) em Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

SCHULTZ, N. et al. A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 2, p. 1-8, 2012. 17

SILVA, J. L.; ROMANO, T. A.; MASCARENHAS, S. A. O fenômeno bullying como desrespeito à diversidade étnica – Uma investigação no sul do Amazonas. **Revista Amazônica**, v. 1, n. 6, p. 27-34, 2011.

SILVA J. L. et al. Associações entre bullying escolar e conduta infracional: revisão sistemática de estudos longitudinais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 32, n. 1, p. 81-90, 2016.

SILVA, J.L. et al. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos brasileiros de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 121-137, jun. 2013.

WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. **Journal of Adolescent Health Care**, v. 45, p. 368-375, 2009.

ZANDEN, P. J. V. et al. The effects of general interpersonal and bullying-specific teacher behaviors on pupils' bullying behaviors at school. **School Psychology International**, v. 36, n. 5, p. 467-481, 2015.

**ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAR O BANCO DE DADOS**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES  
CURSO DE ENFERMAGEM  
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF  
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 13 de Agosto de 2018

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Solicito a autorização para a utilização do banco de dados do trabalho de iniciação científica intitulado: **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira** sob sua orientação, para o desenvolvimento do projeto de bacharelado em enfermagem intitulado **O perfil de vítimas-agressoras nas regiões de ensino do distrito federal** da bacharel Sâmara Maria Pinheiro Vainauskas Barcelos, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB.

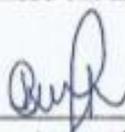
Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente,

Sâmara Maria Pinheiro Vainauskas Barcelos

*Recebido em 16/08/18*

Eu Julliane Messias Cordeiro Sampaio, autorizo a utilização do banco de dado mediante a assinatura do termo de compromisso em assumir sigilo e confidencialidade

  
\_\_\_\_\_  
Julliane Dr. Julliane Sampaio  
CONDOMÍNIO SP 216226  
UNICEUB  
Julliane Cordeiro

**ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO EM ASSUMIR SIGILO E  
CONFIDENCIALIDADE**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES  
CURSO DE ENFERMAGEM  
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF  
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 14 de Agosto de 2018

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Eu, **Sâmara Maria Pinheiro Vainauskas Barcelos**, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, assumo a responsabilidade de manter sigilo sobre os dados coletados da pesquisa intitulada **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira desenvolvida** pela Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio, bem como solicitar a autorização para publicações advindas desta pesquisa.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente

*Sâmara Vainauskas*

Sâmara Maria Pinheiro Vainauskas Barcelos

Recebido  
em 16/08/18  
Prof.ª Dra. Julliane Sampaio  
COREN-SP 116226  
UNICEUB

## ANEXOS C – QUESTIONÁRIO

### Questionário

**Bullying no contexto escolar: proposta e avaliação de um programa de intervenção.**

MARQUE COM UM X OU ESCREVA AS RESPOSTAS NAS LINHAS

#### *Parte I*

**1. Em que série (ano) escolar você está?**

5( ) 6( ) 7( ) 8( )

**2. Você é do sexo**

feminino (1)      masculino (2)

**3. Quantos anos você tem?**

10( ) 11( ) 12( ) 13( ) 14( ) 15( ) 16( ) 17( )  
anos

**4. Você já repetiu de ano/série alguma vez?**

- nunca reprovei  
 já reprovei

**5. Qual a sua cor/raça?**

branca    preta    parda    amarela  
 indígena

#### *Parte II*

**1. Você já foi ameaçado, humilhado ou agredido na escola?**

- ninguém nunca me ameaçou, me humilhou ou me agrediu na escola  
 sim (≥3 vezes)

**Caso você tenha respondido ninguém nunca me ameaçou, me humilhou ou me agrediu na escola na pergunta anterior (pergunta nº 1) vá direto para a pergunta nº10, pulando as perguntas de 2 a 9.**

**Se você respondeu sim continue respondendo a partir da próxima pergunta (pergunta nº 2)**

**2. Quando foi a última vez que te ameaçaram, te humilharam ou te agrediram na escola?**

- nos últimos 06 meses  
 há mais de 06 meses

**3. O que fizeram com você? Se quiser pode marcar mais de uma resposta.**

- me bateram, me deram murros ou pontapés  
 me puseram apelido  
 ficaram zuando de mim  
 falaram coisas de mim, fazendo fofoca  
 pegaram alguma coisa minha sem a minha permissão  
 falaram de mim pela internet ou por mensagens do celular  
 me puseram medo  
 me isolaram ou me deixaram sozinho  
 me humilharam ou me xingaram por causa da cor da minha pele  
 me humilharam ou me xingaram por causa de algum problema que tenho. Qual problema? \_\_\_\_\_

**4. Em que lugar isso acontece ou aconteceu? Pode marcar mais de um lugar se quiser.**

- na sala de aula  
 no recreio  
 no banheiro  
 na porta da escola  
 nos corredores da escola  
 no refeitório  
 no caminho de casa  
 em outro lugar – Qual? Diga o lugar \_\_\_\_\_

**5. Você contou para alguém quando isso aconteceu?**

- Não contei  
 sim, disse aos meus amigos  
 sim, disse ao professor, ao coordenador ou funcionário da escola

- sim, disse ao meu pai ou a minha mãe
- sim, à outras pessoas da minha família

**6. Quando você contou à alguém que te ameaçaram, te humilharam ou te agrediram, o que aconteceu?**

- não contei nada à ninguém
- a pessoa para quem eu contei não acreditou em mim
- a pessoa para quem eu contei não fez nada
- a pessoa para quem eu contei conversou
- a pessoa para quem eu contei chamou a atenção do meu colega
- a pessoa para quem eu contei me ajudou de outra forma. Qual? \_\_\_\_\_

**7. Qual a idade dos alunos que te ameaçaram, te maltrataram, te humilharam ou te agrediram na escola? Pode marcar mais de uma resposta se quiser.**

- são da minha idade
- são mais novos do que eu
- são mais velhos do que eu

**8. Qual é o sexo do aluno que te ameaçou, te maltratou, te humilhou ou te agrediu na escola?**

- são meninos
- são meninas
- são meninos e meninas

**9. Como você se sentiu ao ser ameaçado, humilhado ou agredido na escola? Se quiser pode marcar mais de uma resposta.**

- não senti nada
- fiquei com medo
- fiquei triste
- fiquei envergonhado
- fiquei com raiva
- senti vontade de não ir mais para a escola

**10. O que você acha de alguém que maltrata, ameaça, humilha ou agride aos outros na escola?**

- não acho nada
- não gosto deles
- tenho pena deles
- quero ser como eles
- tenho raiva deles

**Parte III**

**1. Você alguma vez ameaçou, maltratou, humilhou ou agrediu outro colega na escola?**

- não
- sim (≥3 vezes)

**Caso você tenha respondido eu nunca ameacei, humilhei ou agredi outro colega na escola na pergunta anterior (pergunta nº 1) não precisa responder as outras perguntas abaixo.**

**Se você respondeu sim continue respondendo a partir da próxima pergunta (pergunta nº 2)**

**2. O que você fez? Se quiser pode marcar mais de uma resposta**

- eu bati, dei murros ou pontapés
- eu coloquei apelido em alguém
- eu fiquei zuando por causa deste apelido
- eu fiz fofoca de um colega
- peguei alguma coisa de um colega sem permissão
- falei mal de um colega pela internet ou por mensagens do celular
- coloquei medo no colega
- isolei ou deixei meu colega de lado
- xinguei ou zuei um colega por causa da sua cor de pele
- xinguei ou zuei um colega por causa de algum problema que ele tem. Qual problema? \_\_\_\_\_

**3. Quando foi a última vez que você ameaçou, maltratou, humilhou ou agrediu um colega na escola?**

- nos últimos 06 meses
- há mais de 06 meses

**4. Como você se sentiu quando você maltratou, humilhou ou agrediu alguém na escola?**

- não senti nada
- senti medo
- senti tristeza
- senti vergonha
- senti raiva
- senti vontade de não ir mais para a escola

